

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

**22^a REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**FÓRUM DE PESQUISA 25:
INTERPRETANDO NARRATIVAS, PERFORMANCES E ESTÉTICAS: CRUZANDO
IMAGENS, POÉTICAS ORAIS, VISUAIS, GESTUAIS E SONORAS.**

**Coordenadores:
Carmen Silvia Rial (UFSC)
Cornelia Eckert (UFRGS)
Guita Debert (Unicamp)**

O objetivo é discutir possibilidades de uma hermenêutica alternativa nos estudos antropológicos a partir de noções caras à antropologia: tempo, espaço, memória, gênero, imagem bem como da problematização da construção do conhecimento antropológico (estilo de escrita, a experiência etnográfica, o fazer antropológico, o estudo de narrativas, etc) na dimensão dos processos sócio-histórico-culturais que exprimem pessoas e grupos.

Trata-se de acentuar discussões recentes no âmbito da academia antropológica seguindo a reflexão iniciada por antropólogos diversos que repensaram alguns dos paradigmas Clássicos da antropologia: a etnografia da performance e o paradigma do teatro dramático (etnografia da fala, dos sons, da performance), a antropologia da suspeita e reflexiva (por exemplo, estudos etnográficos sobre terror, medo e rumor), os estudos de narrativas e a construção do si-mesmo como um outro, a etnografia da estética de retóricas, narrativas e imagens (ou alegorias), etnografia da memória coletiva e memória da duração, antropologia e comunicação visual, o paradigma hologramático e reciprocidades cognitivas presente na antropologia *na cidade* como fragmentos e encruzilhadas herméticas, etc.

1ª SESSÃO: IMAGENS E RITMOS

Coordenadora: Guita Grin Debert (Unicamp)

AEROFONES MASCULINOS E CANTOS FEMININOS DA AMAZÔNIA: MÚSICA, MITO E RELAÇÕES DE GÊNERO.

Acácio Tadeu de C. Piedade (UFSC)

Maria Ignez C. Mello (UFSC)

A partir das etnografias das músicas de duas áreas clássicas da Etnologia amazônica, o Alto Rio Negro e o Alto Xingu, esta comunicação pretende estabelecer uma comparação entre o repertório dos aerofones masculinos e aquele da música vocal das mulheres. O primeiro, comum às duas regiões e exibindo similaridade cosmológica, envolve um conjunto de mitos e ritos exclusivamente masculinos. Este complexo simbólico tem como cerne instrumentos de sopro cuja visão é absolutamente interdita às mulheres. O segundo repertório se compõe dos cantos femininos do Alto Rio Negro, solos semi-improvisados onde as mulheres expressam seus sentimentos, e dos cantos do ritual lamurikuma, do Alto Xingu, no qual as mulheres representam a tomada de poder na aldeia. O estudo destas músicas e rituais musicais aponta para diversos nexos com o pensamento nativo e engloba temáticas como a estética, a política, as relações de gênero, o poder, o controle, a violência simbólica, o medo, o erotismo e a morte.

TRABALHO DE CAMPO: TERRENO DE INTERCRUZAMENTOS PERFORMATIVOS DOS SUJEITOS PESQUISADOS E DO PESQUISADOR.

Liliane Guterres (UFRGS)

A partir da experiência etnográfica realizada junto a uma agrupação carnavalesca «Comparsa de Negros y Lubolos Sinfonia de Ansina» - em Montevideo/Uruguai, propõe-se discutir o processo de inserção do pesquisador e a sua interação com o grupo pesquisado a partir de referenciais utilizados pela antropologia da performance. O difícil e imprevisível diálogo com o grupo, pleno de conflitos e afetividades, provocador de simpatias e antipatias, contradições e ambiguidades, põe em evidência os processos de comunicação intersubjetiva implicados no método da observação participante. A noção de performance mostra-se uma ferramenta capaz de instrumentalizar a compreensão das inesperadas situações de interação vivenciadas e o difícil processo de inserção entre o grupo. Palavras-chave: trabalho de campo, performance, intersubjetividade, antropologia visual.

PASSAGEM A IMAGEM : QUESTÕES DE MISE-EN-SCENE E FICCIONALIZAÇÃO EM ANTROPOLOGIA.

Marc Henri Piault (CNRS/NAI/UERJ)

Toda operação imagética em antropologia enfatiza uma problemática da disciplina por si mesma. A operação cinematográfica por exemplo coloca em evidência, como sabemos, a interação entre o observador e o observado. A observação parece claramente orientada e o dispositivo cinematográfico pode e deve mostrar que toda demonstração supõe uma forma específica de observação. A descrição se transforma numa proposição e deixa de ser concebida como um discurso sobre a verdade. A imagem não transporta e não conserva uma totalidade verdadeira. Ela interpreta e se constitui como uma leitura específica. A escrita cinematográfica tenta dar visibilidade mas, como a escrita usual, ela traduz, ela recria e ela re-nomeia através de procedimentos narrativos que mostram personagens em ação. Assim, ela elabora um cenário (*met en scène*). Agora a questão de um imaginário em ato se coloca, ela se estende ao campo da ficcionalização...

TEXTO E REPRESENTAÇÃO SÔNICA - QUESTÕES EM TORNO DA INTERAÇÃO ENTRE ESCRITURA E SONORIDADE NO RELATO ETNOGRÁFICO.

Maria Elizabeth Lucas (UFRGS)

O caminho aberto pelas discussões sobre a estética e a poética do texto etnográfico nos anos 80, permite considerar que os ecos desse movimento alinharam-se rapidamente ao crescente acesso e popularização de aparatos tecnológicos multimídia no âmbito da pesquisa acadêmica nas Ciências Humanas. Entendidos durante longo tempo como recursos ilustrativos e coadjuvantes da palavra escrita no trabalho reflexivo, rotulados de forma pejorativa como esteticizantes, o registro sonoro, as imagens registradas em vídeo, foto, deixaram os bastidores para serem objeto de reflexão crítica, ética e metodológica da prática etnográfica contemporânea. A etnomusicologia, produziu desde o final do século XIX o paradoxo de registrar as músicas das mais variadas culturas subtraindo-as aos seus ambientes culturais. A reação pela contextualização destas espécies tratou de recorrer à textualização para compor o elo entre o registro musical/sonoro e o seu entorno sócio-cultural. A questão que propomos para este GT tenta explorar uma outra alternativa: a descrição etnográfica valendo-se de dimensões de sentido ainda ausentes ou marginais no texto, tais como a das formas sonoras e suas possibilidades narrativas.

VOCÊ FOTOGRAFA OS SEUS MORTOS? FOTOGRAFIA E MORTE NO BRASIL URBANO.

Mauro Koury (UFPB)

Você fotografa os seus mortos, foi uma pergunta realizada como complemento de um questionário mais amplo cujo interesse centrava-se na busca de compreensão sobre os hábitos e costumes que envolvem o trabalho de luto e as expectativas sobre tal processo na sociedade brasileira urbana contemporânea. Foram enviados por correio cinco mil cópias de um questionário para as vinte e seis capitais dos estados brasileiros (1), no ano de 1997. Foram aceitas respostas com envio até o mês de dezembro de 1999. Obteve-se um número significativo de respostas para esse tipo de coleta, com um total de 1.905 questionários válidos, provenientes do total de cidades enviadas, que permitiram uma amostragem significativa do imaginário e dos usos e costumes sobre o luto, a morte e o morrer, que se debate atualmente a população urbana no Brasil. Esta comunicação se deterá em uma apresentação preliminar dos dados sobre a relação fotografia e ritual da dor e da morte no Brasil urbano de hoje. - Coordenador do GREM - Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia da Emoção e Coordenador do GREI - Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Imagem, ambos parte integrante do PPGS/CBCS/DCS/CCHLA/UFPB. (1) - As cidades pesquisadas foram: Boa Vista (RR), Porto Velho (RO), Rio Branco (AC), Manaus (AM), Belém (Pará), São Luís (MA), Teresina (PI), Fortaleza (CE), Natal (RN), João Pessoa (PB), Recife (PE), Maceió (AL), Aracaju (SE), Salvador (Ba), Belo Horizonte (MG), Vitória (ES), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Brasília (DF), Goiânia (GO), Palmas (TO), Campo Grande (MS), Cuiabá (MT), Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS).

PERFORMANCE, RITUAL E IMAGEM ENTRE OS ASURINÍ DO XINGU .

Regina Muller (Unicamp)

Trata-se de um estudo sobre ritual entre os Asuriní do Xingu, da perspectiva da Antropologia da Experiência, o uso da imagem videográfica e a construção do texto antropológico no diálogo intercultural. Um dos assuntos abordados será a comparação entre a narrativa mítica dos xamãs e a imagem fílmica, proposta pelos Asuriní.

2ª SESSÃO: O GESTO, A PALAVRA, A MEMÓRIA

Coordenadora: Cornelia Eckert

BASTIÕES: NARRAÇÃO E MEMÓRIA.

Analúcia Sulina (UFC)

O texto discute algumas idéias da memória de fundação da comunidade negra Bastiões, localizada no interior do Estado do Ceará, dando proeminência às representações elaboradas em torno dos espaços evocados na narrativa de origem do grupo. Representações que sugerem o entendimento do território, comportando uma dimensão simbólica em que trazem à tona as imagens das lembranças da posse originária, cujo feito é realizado por duas mulheres negras fugidas da Bahia. E uma dimensão mais da ordem das relações de poder, uma vez que atribuir sentido ao espaço que ocupam, significa situar os sujeitos na organização social. Nesse sentido, destaco um narrador por excelência, Manoel Assis, 89 anos, que conta a saga dos seus ascendentes negros, evocando para si a legitimidade narrar porque é o mais velho do grupo e porque a comunidade lhe atribui esse papel.

SÃO PAULO: CIDADE AZUL.

Andréa Claudia Miguel Marques Barbosa (USP)

O trabalho se insere num projeto de pesquisa maior sobre a representação da cidade de São Paulo na filmografia paulista dos anos 80. Este período é marcado por uma intensa produção na qual a cidade aparece sob um foco privilegiado. Um dos possíveis caminhos para abordar a questão é a espacialidade. A cidade de São Paulo figura nestes filmes com bastante força na sua forma: prédios, ruas, rios, *skylines* ... sinais de uma metrópole tal qual estamos acostumados a ver em outros meios como a televisão e a fotografia jornalística. Estes sinais não são exclusividade na representação de São Paulo, e figuram também na representação genérica que se tem de Nova Iorque, por exemplo. Considerando que nesta filmografia a cidade de São Paulo é mais do que cenário, um personagem, e considerando as possibilidades da linguagem cinematográfica na construção de um imaginário urbano brasileiro procuro reconstruir as faces da cidade nas suas formas de presença e ausência. Qual é a cidade que se torna personagem, qual a São Paulo que figura como cenário e qual a que é ocultada. Neste jogo de ocultação e revelação operado muito bem pela linguagem cinematográfica através de metáforas imagéticas e da própria fotografia que para iluminar uma cena obscurece outras tantas, encontramos grandes possibilidades para o entendimento da construção da identidade da metrópole paulista.

NOSSA SENHORA APARECIDA E A MULHER LOBISOMEM.

John Cowart Dawsey (USP)

Uma formulação clássica de Clifford Geertz nos permite ver a cidade de Aparecida do Norte como uma espécie de texto dramático. Poderia-se ver na "mulher lobisOMEM" e outras "atrações" que, nos anos 80, se encontravam no parque de diversões às margens da catedral a manifestação carnalizante do caos em meio a qual emerge uma ordem serena de proporções cósmicas. Por outro lado, procedendo `maneira de Walter Benjamin (cujas afinidades com o teatro de Brecht não são pequenas), com olhos atentos às elipses, rasuras ou emendas suspeitas, procuramos por aquilo que está submerso no texto. A "mulher lobismomem" nos diz muito a respeito das esperanças de Aparecidas profanas. Trata-se de um esforço de detectar alternativas ao paradigma do teatro dramático na antropologia, às margens das análises de Victor Turner e nos limites da hermenêutica de Clifford Geertz.

NARRANDO O TÃO.

José Bizerril Neto (UnB)

Focalizo a dimensão textual do taoísmo no contexto de uma etnografia da escola do mestre Liu Pai Lin, partindo da noção de transmissão (ou transmissão verdadeira), isto é, a definição taoista de continuidade autêntica da tradição. Para tanto, a noção de texto e consequentemente a própria idéia de narração se ampliam, para abarcar tanto falas quanto obras literárias, material iconográfico e técnicas corporais e os modos pelos quais todos estes elementos são atualizados. A transmissão ocorre em um campo intertextual em que predomina o ensino oral e prático, mas que abarca a letra, a voz, a imagem e o corpo. O Tao aparece neste contexto como algo que embora não possa ser explicado, definido racionalmente, pode e deve ser compreendido por experiência. Neste sentido, o aprendizado no taoísmo demanda uma conjugação dos dois planos da experiência - como fenômeno individual intransferível (Erlebnis) e como fenômeno coletivo/tradicional (Erfahrung) - e a transmissão pessoal de um patrimônio cultural, que é personificado pelo mestre. Ao mesmo tempo oferece recursos/instrumentos para viver determinadas experiências e um repertório para sua interpretação. Em função do foco no vivido, utilizo a noção de "cronotopo" para compreender os contextos socialmente construídos de transmissão da tradição, como a palestra ou o treinamento, cada qual com suas chaves de leitura, molduras metalinguísticas - tanto metanarrativas como metacomunicativas.

O ESPAÇO NA MEMÓRIA DE VELHOS NEGROS NA ILHA DE ITAPARICA-BA

Jucélia S. B. Ribeiro (UFBA)

O trabalho busca compreender a relação memória-espço territorial construída pela narrativa de uma geração de velhos negros na ilha de Itaparica, Bahia, assim como observa uma construção coletiva em torno da noção de pertencimento ao lugar, movida por uma história oral transmitida entre gerações. São observadas as linhas de continuidade em que a interpretação histórica da apropriação do espaço se intercala com a experiência no presente. Contempla ainda uma incursão na memória local, sob o olhar de uma geração que através das relações de parentesco traça uma genealogia indicadora de continuidades e rupturas no espaço em questão. A análise e discussão da temática baseia-se sobretudo nos relatos orais e a metodologia utilizada é constituída de coleta sistemática de relatos sob a forma de depoimentos pessoais e histórias de vida.

DANÇANDO PARA O SANTO, LEITURAS DA CONGADA DA LAPA- PR.

Márcia S. de Andrade Kersten (UFPR)
Márcia Rosatto (UFPR)
Patrícia July (UFPR)
Renata Ângelo (UFPR)
Heloisa M. Castro Nascimento (UFPR)
João Castelo Branco (UFPR)

O estudo da performance, da estética e das narrativas da Congada, expressão da cultura popular, privilegia um acervo de imagens, filme, figurino e um texto que reproduz a fala e narra a seqüência do auto dramático. Nessa manifestação cultural, sempre aliada a homenagem a São Benedito, interpenetram-se o sacro e o profano a partir de embaixadas dramáticas travadas entre grupos rivais, que reconciliam-se após um conjunto de cerimônias e gestos ritualísticos, articulados pelos congos. Além da etnografia da ‘dança’, a pesquisa permitirá identificar a rede de relações sociais e os sentidos de ritos, comportamentos e espaços dos sujeitos que produzem e vivenciam esses artefatos e ainda compreender as políticas preservacionistas, relacionado-as às formas materiais e simbólicas

ENTRE LA DESCRIPCIÓN Y LA TEORÍA: ENTREVISTA DE INVESTIGACIÓN, IDENTIDAD NARRATIVA Y SÍ MISMOS COMO MEDIACIONES TEXTUALES.

Raúl Diaz (Universidad Nacional del Comahue, Argentina)

La compleja gama que las “descripciones” ocupan en investigación social permite ensayar propuestas de estilo y escritura dentro de la construcción de teoría. Intentamos articular las que llamamos descripciones de “sí mismos” con otras de tipo “analítico” surgidas por triangulación dentro de la misma problemática objetual. Las “sí mismos” intentan evocar la

identidad narrativa que se enuncia en el acto discursivo. El entramado del sí narrado es retomado por nuestro programa de escritura en tanto interpretantes de aquel. Nuestras descripciones narrativas se reapropian del agente en su propia deliberación y autodesignación haciéndonos cargo en la exposición del material de la duplicidad referencial y reflexiva del lenguaje. La inclusión de los “sí mismos” transita esa duplicidad con la intención de aportar la perspectiva del actor mediada por la situación de interlocución. En cambio en las “analíticas” nos comprometemos en un interjuego de categorías de significación y de análisis en busca directa de la construcción teórica, como si germinaran en ellas conceptos “lejanos” contruidos inductivamente. Mostramos lo anterior con ejemplo de escritura libre y metafórica, pero atada o atrapada en la elaboración cualitativa a partir de los textos de entrevistas abiertas.

3ª SESSÃO: IMAGENS, ESTETIZAÇÃO DA VIDA, ESTILIZAÇÃO DO PENSAR SOCIAL

Coordenação : Carmen Silvia Rial (UFSC)

ANTES SÓ DO QUE MAL ACOMPANHADA.

Clarice Peixoto (UERJ)

Uma das questões fundamentais da reflexão sobre a inserção do audiovisual nas pesquisas sociais diz respeito à produção das imagens: quem as fabrica? O pesquisador ou o seu cameraman? As situações e possibilidades são múltiplas e dependem das condições da pesquisa, ou seja, da relação com as pessoas filmadas, do tempo dispendido, do financiamento disponível... mas, principalmente, para quê e para quem estamos produzindo essas imagens. Esta comunicação pretende analisar duas experiências de pesquisa videográfica, com procedimentos antropológicos semelhantes mas produção técnica e resultado diferentes.

O ENVELHECIMENTO NA PUBLICIDADE.

Guita Grin Debert (Unicamp)

O trabalho discute o caráter mudanças nas imagens do envelhecimento apresentadas na publicidade televisiva em 1996 e 1999. Considerando que a década de 90 testemunhou um crescimento do número de personagens de mais idade na propaganda, procura-se explorar o conjunto de significados que têm sido associados as pessoas mais velhas. O argumento central é que não apenas valores como tradição, estabilidade e experiência têm nos velhos sua forma paradigmática de expressão, mas surpreendentemente estes personagens são também apresentados para afirmar e legitimar práticas tidas como inovadoras e subversivas de valores tradicionais, especialmente no que diz respeito à vida familiar, à sexualidade e ao uso de novas tecnologias. O personagem jovem, na propaganda mais recente, parece competir com os velhos enquanto sujeito privilegiado deste tipo de mensagens. Trata-se, portanto, de discutir o modo pelo qual a juventude é dissociada de um grupo etário para se transformar num bem que pode ser conquistado a qualquer idade através da adoção de determinadas formas de consumo e estilos de vida.

NOS OS ARGENTINOS. NARRATIVA E NAÇÃO NAS PERFORMANCES PATRIOTICAS ESCOLARES.

Gustavo Blázquez (MN/UFRJ)

Completando la suposición de Geertz acerca de que en los rituales los sujetos se cuentan una historia sobre ellos mismos, podemos suponer que, es en ese contar que se aprende tanto la historia que se narra como los modos de narrarla. Las celebraciones escolares, que estudia este trabajo, son momentos de subjetivación, especialmente a través de la construcción de identidades, en tanto las metáforas escenificadas y escenificantes, tienden a producir situaciones compartidas a partir de las cuales es posible edificar un NOSOTROS. En los actos escolares la narración se realiza a partir de la performance; del uso del propio cuerpo a ser significado, como instrumento de significación. Así, se asemeja al juego y como éste, tiene también como principal ingrediente a la repetición. El acto se hace una y otra vez, y no sólo de año a año. Cada performance es minuciosamente ensayada, en la escuela y en la casa, repetida incansablemente hasta encontrar la forma adecuada; de la misma manera se la repite en cada turno escolar y en cada escuela de la nación. Los actos además de repetirse son repetibles como muestran el afán de las maestras por guardar, *para otra oportunidad*, el guión que prepararon; la publicación de libros con modelos de actos y obras para ser incluidas; las revistas infantiles o para maestras que (re)editan más modelos de actos y láminas utilizables para la decoración escolar; el interés oficial por reglamentar y establecer esos modelos, objetos decorativos y fechas en las cuales deben celebrarse. Hecho una y otra vez, representando indefinidamente la misma escena, el acto escolar transforma las metáforas en cuerpo. Narrando una historia a través del uso de la carne, el acto escolar va tejiendo los hábitos que dan forma a un cuerpo que vivencia esa historia como propia y a sí mismo como sujeto de la misma.

O ESTILO GRÁFICO SHIPIBO: ARTE E ESTÉTICA NA AMAZÔNIA PERUANA.

Kátia Almeida (UFRJ/PUC-Rio)

De acordo com a tendência atual de renovação teórica e metodológica da etnologia amazônica, esta proposta aponta para a viabilização de uma antropologia da arte e da estética a partir da análise do estilo Shipibo (Amazônia Peruana) de decoração de superfícies (objetos, corpos e espíritos). Seu objetivo é discutir a relação entre a produção artístico-artesanal e a experiência estético-visual associadas a esse sistema gráfico abstrato-geométrico a partir das transformações decorrentes da sua inserção e valorização no mercado externo. A experiência visual deste grupo aponta para uma identidade relacional e mutável que redimensiona a abordagem tradicional dos níveis de integração intra grupais

(organização social, relações de gênero) e inter grupais (construção de identidade, atuação política) em articulação com os domínios simbólicos (mitologia, cosmologia e ritual).

LEMBRAR, OLHAR, RECONSTRUIR.

Myriam Lins de Barros (UFRJ)

A proposta do texto é o de analisar o imbricamento entre o sentido de modernidade, a metrópole e a percepção sensorial. Autores clássicos como Simmel e Benjamin são freqüentemente citados quando pretendemos tratar da relação entre o indivíduo e a metrópole, e neles, o olhar é visto como uma característica singular da sociedade moderna que tem na metrópole sua expressão e realização. Esta temática será tratada com base nas pesquisas realizadas no Rio de Janeiro, basicamente com a população mais velha. Na análise das narrativas de história de vida percebemos que idosos elegem determinados aspectos da vida social para interpretar as mudanças culturais e físicas na cidade e constroem a representação de um processo de transformações a partir da proeminência da visão como o sentido mais eficaz para exprimi-las. Vemos, também, que a mesma relação entre memória e imagem se estabelece no relato de trajetórias de vida construídas a partir de fotografias presentes em acervos familiares e em ensaios fotográficos sobre as cidades. Ao compreender a importância do sentido da visão presente nas representações sociais dos indivíduos pesquisados podemos entender como a metáfora do olhar é básica para a interpretação e inserção no mundo contemporâneo.

VER PARA CRER, SEM SE DEIXAR ILUDIR PELAS APARÊNCIAS.

Sylvia Caiuby Novaes (USP)

Este trabalho tem como objetivo entender, a partir da antropologia dos sentidos (Howes, 1991) uma dupla questão: 1. o privilegiamento da visão enquanto órgão dos sentidos que praticamente deixa todos os outros em segundo plano, quando o que está em jogo é o ato de conhecer; 2. Um certo fechar de olhos das Ciências Sociais para as imagens, sua análise e produção. A relação tensa entre texto verbal e texto visual e o modo como se pensa e representa as diferenças entre estas duas linguagens deverão fornecer as vias de acesso a estas questões.